

Este conto pertence ao Livro “Contos Inusitados” lançado no ano de 2024.

O BATERISTA

Geraldo Fontes Cal

Junho/23

Capítulo I

Aprígio Salles tem muito orgulho da sua família. Sua mulher, Estela, amorosa e dedicada, mais seus três filhos homens. O mais velho, Alberto, já formado em medicina. Desde cedo sempre foi muito inteligente, se destacava nos estudos, um companheiro e muito cuidadoso com a mãe e os irmãos. O do meio, Roberto, também muito estudioso e trilhava o caminho do mais velho e futuro médico também. Eles eram muito dedicados, não incomodavam com discussões e nem brigas. O mais novo é que é um problema, desobediente, teimoso e personalidade difícil, e avessa aos estudos. Um cavalo xucro,

agressivo e difícil em aceitar as regras. Vivia em seu mundo.

Ele era nascido em Belo Horizonte, assim que se casou e com a ajuda do pai montou sua própria loja de autopeças no interior. E criava a sua família com dignidade e graças aos negócios, com certo conforto. Eles moravam em um bairro próximo ao centro e tinham casa própria comprada com seus próprios recursos. Ele dizia que Jorana era um paraíso e que jamais sairia desta cidade. No início, sua esposa trabalhava com ele na loja e os dois estudavam à noite. Depois com o nascimento do primeiro filho, ela parou e logo depois ele. E compreendia a importância dos estudos e garantiria que os filhos não teriam este

problema. A sua mulher sempre foi boa companheira, dava um suporte enorme para ele poder colocar dinheiro em casa. Ele sentia prazer em reunir a família no almoço aos domingos e poder ouvi-los.

O seu pai tem também uma loja de autopeças na capital e hoje, já cansado, só vai lá algumas vezes, o seu irmão é quem gerencia a loja. Muitas vezes se encontravam durante o ano.

Jean é o filho mais novo, sorriso bonito, mas cara muito fechada, um metro e setenta e oito centímetros de altura, 70 quilos e apesar de magro, é muito forte. Desde cedo teve certa aptidão para a música. Aos nove anos, aproveitando vários miolos de carretel de fio elétrico, os cobriu com um plástico

transparente e fechando-os com um arame fino, imitava alguns instrumentos de bateria e com duas agulhas de bordado de madeira as usava como baquetas e fazia um som até legal. A mãe batia palmas, os irmãos ficaram impressionados, porém o pai quando ouviu, foi até ele e juntou tudo e jogou no lixo. Filho dele jamais seria músico. Outra vez na casa do vizinho em um aniversário, viu um garoto tocando violão e depois sem saber pegou o instrumento e tocou a mesma música, seus familiares ficaram surpresos, mas o pai logo retirou o instrumento de suas mãos.

Na escola tentava se esforçar, até gostava de algumas matérias, mas não se integrava. Em uma turma de quase quarenta estudantes os

ignorava completamente e vivia em seu mundo. Certa vez em uma aula de inglês, o professor o chamou à frente, costumava sempre fazer junto com o aluno a lição que mandava para fazer em casa. Ele até compreendia a importância da matéria e fazia sempre os deveres, mas se enganou em uma das questões. O professor riu dele e todos os outros alunos, riam e debochavam. Ele fechou o livro e o atirou na cara do professor e foi se sentar em sua carteira. Todos ficaram chocados, antes do final das aulas foi levado à coordenação e o pai foi comunicado.

Certa vez o valentão da sala, que incomodava os mais fracos e tinha hábito, por ser mais forte, de pegar os colegas e levá-los.

Quando tentou fazer com ele despertou o animal dentro dele, revidou e o agrediu fortemente e rapidamente com socos e pontapés. Várias pessoas tiveram de intervir.

O diretor do colégio, após trazer o seu pai, disse que não tinha condições de mantê-lo na escola e foi expulso. Já no carro foi ouvindo um sermão e levando alguns tapas na cabeça. Ele colocou a mão na maçaneta e caso não parasse, ia sair do carro ainda em movimento. O pai pressentindo a cena se acalmou.

Em um novo colégio no ano seguinte, a história não foi diferente, após dois meses apenas do início do ano, ao chegar para a aula, mais cedo, um aluno bem mais forte e de série mais adiantada, quando o viu de tênis

colorido o chamou de gay. Sentado e rindo com os amigos dizia.

- Vai chorar e chamar a mamãezinha!

Mal sabia ele que instigava uma besta. Imediatamente ele se voltou e chutou forte o rosto do menino e sem dar tréguas desfechou uma sequência de golpes no nariz e na boca, o rosto dele imediatamente se ensanguentou. Caso o fiscal do pátio não interviesse, ficaria pior. Ele foi levado à diretoria e solicitaram a presença do pai. Mais uma vez foi expulso, não queriam pessoas violentas no colégio.

À noite em casa o casal não sabia mais o que fazer.

Alguns dias mais tarde, no almoço de domingo ouviam os relatos dos irmãos sobre o futuro. Em seguirem suas profissões de médicos, fazerem suas residências em grandes centros, se casarem e terem alguns filhos. Jean tinha dezoito anos, era quatro anos mais novo que o Roberto e quase seis anos do irmão mais velho. O pai dizia que o nascimento dele não fora planejado, descuido dele e da mulher. Ele ouvia as histórias indiferente, quando perguntava o que queria ser, respondia laconicamente.

- Esquece, ainda sou muito novo.

- Você já fez a oitava série, responda ao seu irmão direito.

Disse o pai alterado.

- Eu quero ser engenheiro agrônomo.

Aquela resposta surpreendeu a todos. Os irmãos iam rebater a opção, mas a mãe fez um sinal e se calaram, achava que era um progresso.

Mais uma vez estava começando a estudar em um colégio novo. A ordem das Carmelitas. Nos outros colégios falavam que esta era uma escola só para meninas e na classe em que ele entrou tinha apenas outro garoto. Não se importou, ignorava os colegas mesmo. Por não ter quem o enfrentasse, foi até o final do ano nesse colégio. O único incidente durante o ano foi com uma colega. Ela se